



ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
S. VICENTE DE PAULO
BRAGA

O VICENTE

Rua Campo das Parretas, nº26, 4700-418 Braga

Tel: 253 609 350 | Telem.: 935 534 759

E-mail: geral@asavp.pt

www.asavp.pt

2ª Série / Nº19 / Edição Semestral / dezembro 2023

Diretora: Lillian Santos Reis / Edição: Cristiana Martins 100 exem-

EDITORIAL

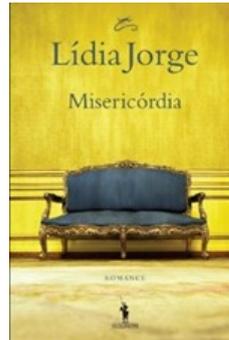
Misericórdia

A palavra misericórdia tem origem latina, sendo formada pela junção de **miserere** (ter compaixão), e **cordis** (coração). "Ter compaixão do coração" significa ter capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, de aproximar os seus sentimentos dos sentimentos de alguém, de ser solidário com as pessoas. **Misericórdia** é, pois, um **sentimento de compaixão**.

No primeiro livro que publicou, em 2016, *O Nome de Deus é Misericórdia*, o Papa Francisco convida o leitor a um diálogo íntimo e pessoal sobre um tema próximo ao seu coração: a misericórdia. Um pilar da sua fé e do seu pontificado, afirmando que «A misericórdia é o primeiro atributo de Deus. É o nome de Deus. Não existem situações das quais não podemos sair, não estamos condenados a enfrentar areias movediças»

Em conversa com o vaticanista Andrea Tornielli, Francisco explica, recorrendo a memórias da sua juventude e episódios marcantes da sua experiência como pastor, porque é que a misericórdia é o primeiro atributo de Deus. Reafirmando que a Igreja não pode fechar as portas a ninguém, pelo contrário, é seu dever sair, abrir-se ao mundo, e encontrar caminho na consciência das pessoas, para permitir que assumam a responsabilidade pelo - e se afastem do - mal praticado.

Num plano temporal, trazemos aqui à colação um outro livro: *Misericórdia*, da escritora Lídia Jorge, um romance publicado em 2022, merecedor de diversos prémios nacionais e internacionais. *Misericórdia* é a história que a mãe lhe pediu que escrevesse quando estava internada numa instituição para idosos, no Algarve, pedindo-lhe, várias vezes, que escrevesse um livro com este título. A história decorre entre abril de 2019 e abril de 2020, data da morte da mãe da autora, que foi uma das primeiras vítimas da covid-19 no sul do país.



Foi um tempo bizarro, o da pandemia que distorceu dias e noites; um espaço concentracionário, em que se replicou e multiplicou o próprio confinamento; e a voz de uma mãe que nos chega tamborilando cruamente a realidade.

A minha mãe pediu-me várias vezes para escrever um livro que se chamasse 'misericórdia', porque ela achava que havia um desentendimento no tratamento das pessoas, achava que as pessoas procuravam ser amadas, mas não as entendiam. Pediu-me que escrevesse um livro chamado 'misericórdia', para que se tivesse compaixão pelas pessoas e as tratássemos como se fossem pessoas na plenitude da vida', revelou a autora.

Segundo a escritora, este não é um livro "mórbido" e a sua escrita não lhe suscitou sentimentos de tristeza ou dor. Antes, é um "livro sobre o esplendor da vida que acontece quando as pessoas estão para partir", sobre os "atos de resistência magníficos, que as pessoas têm no fim da vida". É também um livro em que se relatam momentos de doçura e de amor dos cuidadores que se debruçam e se ajoelham diante dos seus idosos e dos seus doentes.

Misericórdia é também o *modus operandi* da AASVP! A "casa de misericórdia" onde os seus cuidadores se ajoelham e se sentam no chão olhando os seus idosos de baixo para cima. Como todos quantos fazem parte desta grande família, a AASVP move-se pela "compaixão do coração", entende que "o nome de Deus é misericórdia", procura cumprir as catorze Obras de Misericórdia da doutrina católica, cuidando dos seus idosos na fragilidade e na finitude das suas vidas, como se ainda estivessem na sua plenitude, com um grande sentimento de empatia, de compreensão, de solidariedade e de prestação de misericordiosos cuidados. Para tanto, bastar-nos-á recordar a **história** de sucesso que foi e será sempre a **AASVP** durante os anos de pandemia!



BOAS FESTAS

«BOA NOVA» DA JMJ LISBOA 2023



Lisboa foi, em 2023, «casa de fraternidade» e «cidade da paz», foi lugar de «sonho de paz». Foi novo *areópago* e nova *ágora*, em que foi proclamado, à cidade e ao mundo, um «evangelho novo», uma luminosa «boa nova» para o nosso tempo, para as nossas vidas, para o nosso mundo.

Custa-nos pensar que também este acontecimento providencial, esta «epifania» do céu e da terra, o seu destino e os seus frutos, não obstante ter sido um êxito indesmentível, corre o risco de ser sufocado por três forças virais adversas: o vírus da «indiferença» (ou do não querer saber), o vírus do «descarte» (ou do pegar e deitar fora) e o vírus do «esquecimento» (negligente ou propositado).

Ignorar, não querer saber, não prestar atenção à lição de que Lisboa foi cátedra nesta Jornada memorável é sinal de grave alienação, de muita distração do essencial, de perdição no labirinto da vida, sem sentido, sem meta e sem saída.

Lendo os discursos publicados, podemos recordar continuamente, enraizar, assimilar e praticar os grandes temas da providencial Jornada. Do conjunto desses arquitémas, destacamos o da *crise da condição dos Idosos* e o da *crise da consciência e existência europeia*.

Papa Francisco

JMJ Lisboa 2023

Discursos e Homilias

Todos, todos, todos!



OS IDOSOS E A EUROPA NA JMJ LISBOA 2023

É verdade que os Idosos estiveram presentes na JMJ Lisboa 2023?

- Sim! Foram convocados várias vezes pelo Papa Francisco e participaram no maior acontecimento de que Lisboa e Portugal foram palco no século XXI!

No 4º dia da Jornada (Sábado, 05.08.23), na “Vigília com os Jovens”, no Parque Tejo, o Papa Francisco fez a apologia das “raízes”, da cultura das “raízes”. E é sabido o destino da árvore a que forem amputadas as raízes! Igual destino está reservado à sociedade que deprecie e despreze os Idosos.

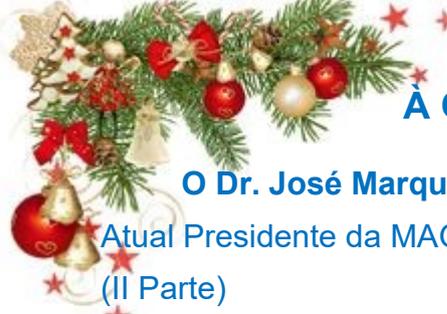
E Francisco, socorrendo-se da bela palavra – “**re**cordação” (da raiz **cor**, **cordis**, coração) – chama a atenção dos Jovens para a responsabilidade e o benefício de não esquecer as “raízes”, a geração dos avós, mas, pelo contrário, estimá-los, cuidar deles, considerando que a alegria de viver tem raízes, não apenas cognitivas ((tesouro de experiências, de conhecimentos, de sabedoria), mas também afetivas (afeto, saudade, gratidão), ou indissolúvelmente cognitivas e afetivas. E o reconhecimento e a recordação das “raízes de alegria” que os Jovens têm, porque lhes foram dadas, são motivo e incentivo para serem, por sua vez, “raízes de alegria para os outros”.

Importa ser e estar vigilantes, para que o fenómeno dos “berços vazios”, associado ao fenómeno virtuoso da longevidade, mas também aos fenómenos viciosos da “indiferença” e da “idolatria do eu”, não transformem “o sonho europeu” num “pesadelo”, não faça desses “berços vazios” apocalípticos “cemitérios”!

Na JMJ Lisboa 2023, a voz profética do papa Francisco não pode, pois, deixar de ecoar apenas na **consciência** dos Jovens, mas também na consciência europeia.

“Sonho uma Europa, coração do Ocidente, que use o seu engenho para pagar focos de guerra e **acender** luzes de esperança...[...] E isto ajudar-nos-á a pensar nos sonhos doas pais **fundadores da União Europeia: eles sonhavam em grande!**” (Centro Cultural de Belém, 02.08.2023, p. 7).

BOAS FESTAS



À CONVERSA COM...

O Dr. José Marques Fernandes,

Atual Presidente da MAG e ex-Vice-Presidente da Direção de 2006 a 2022

(II Parte)



VICENTE – Amigo Presidente da MAG da AASVP.

Na edição anterior do nosso Boletim, falou-nos das *circunstâncias* e *motivações* da sua ligação à vida e à história da nossa Associação, como nos falou dos *Presidentes da MAG* que o precederam no exercício deste serviço, com destaque para aqueles que vivem já no tempo infinito da eternidade e cujo exemplo e memória inspiram e animam aqueles que os renderam no palco da vida da Associação. Falou-nos também do inestimável valor do serviço dos *Voluntários*, que são chama viva e fonte de energia da nossa e de todas as Instituições de Solidariedade humana e social.

Considerando que deixámos suspensa e inacabada a nossa Conversa do VICENTE 18, que gostaria ainda de nos dizer?

PRESIDENTE DA MAG – Obrigado, amigo VICENTE, pela boa vontade, pela disponibilidade e pela paciência para *ouvir!* E quão necessária e preciosa é esta virtude do *querer e saber ouvir*, não certamente este Presidente da MAG, mas de ouvir quem tem necessidade de ser ouvido!

VICENTE – Que grande verdade, caro Presidente! Quão necessário é *ouvir!* Ouvir a voz da consciência, que ecoa no mais íntimo de cada ser humano! Ouvir o silêncio dos que sofrem no silêncio indesejado do abandono e da solidão! Ouvir o «grito da terra» e o «grito dos pobres», de que tão insistente e vivamente fala ao mundo o nosso Papa Francisco! *Saber ouvir* «todos, todos, todos» é a primeira das virtudes e qualidades de uma boa liderança comunitária!

PRESIDENTE DA MAG – Na conversa registada na precedente edição do nosso Boletim, evoquei os nomes e as memórias dos cinco Presidentes

da MAG que me precederam, mas não evoquei, por economia de tempo e de espaço, os nomes e as memórias, não menos impressivas, daqueles que nos apraz designar como «Pais Fundadores» da nossa Associação.

No átrio do nosso Lar, encontra-se um busto, sustentado por

uma coluna de ferro forjado, que não mostra o nome próprio da figura representada, mas simplesmente a palavra «*FUNDADOR*». Ainda vivem, felizmente, muitas pessoas que conheceram, conviveram e colaboraram com Domingos Guimarães de Sá, o «Fundador». Mas, com o tempo, a patine do busto e da coluna ocultarão os sinais vitais desse «Pai Fundador». Mas, o esquecimento, como a morte natural, não são a última palavra. A última palavra é a vida e a sua memória. O «Fundador dos Fundadores» ordenou aos seus discípulos: «*Fazei isto em Memória de Mim*». Como continuadores, os discípulos são, pois, pessoas de memória, guardadores, cuidadores e curadores da última vontade do(s) «Mestre(s)». Como não conheci tão bem, não colaborei tanto nem convivi tão próxima e intensamente com o «Fundador», como tantos tiveram a oportunidade e o privilégio de o poder fazer, eu não tenho a ousadia de me considerar do número restrito ou do núcleo central dos seus «discípulos».

Entendo, porém, que a evocação contínua da «memória» dos «Pais Fundadores» é, na vida e na atividade da Instituição, como que um marco miliário, uma placa de sinalização, uma bússola, um instrumento de navegação. Entendo que a Direção, todos os Órgãos Sociais e todos os Colaboradores da Instituição devem fazer a si próprios, a cada passo e em cada momento, esta pergunta simples, mas inspiradora e luminosa: “**Como decidiria e agiria, neste caso, o nosso Fundador, Domingos Guimarães de Sá, a sua esposa, Dona Amélia, o Sr. Maurício, e todos aqueles que são os nossos «Pais Fundadores», que decisões e ações lhes agradariam e quais as que os fariam sofrer?**”.

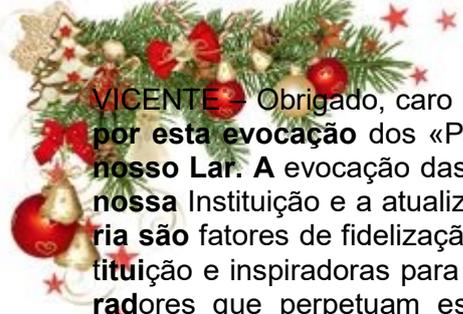
Não privei e convivi tanto com o ‘Senhor Sá» como com a senhora «Dona Amélia». Do «Sr. Sá» guardo a memória de um ser humano com os pés na terra e a mente e o coração no Céu; com as mãos na “massa” e o espírito no “firmamento”; guardo a memória de um provedor e irmão dos pobres, pobres de pão e de reconhecimento; de um pedagogo e evangelizador extraordinário.

De «Dona Amélia», guardo a memória de uma sábia senhora e de uma bondosa mãe de todos e de cada um dos moradores no nosso Lar. Oxalá que nunca sejam esquecidos os telefonemas que, pela calada da noite, ela fazia para os **Colaboradores** de serviço noturno, perguntando-lhes **como estavam «os nossos meninos»**, se já **tinham passado** pelos seus leitos e os tinham **devidamente posicionado**.



BOAS FESTAS





VICENTE – Obrigado, caro Presidente da MAG, por esta evocação dos «Pais Fundadores» do nosso Lar. A evocação das figuras tutelares da nossa Instituição e a atualização da sua memória são fatores de fidelização ao espírito da Instituição e inspiradoras para a ação dos Colaboradores que perpetuam essa memória e dão continuidade à obra iniciada. E a propósito da obra material da Associação ou da nossa ERPI, considerando a observação generalizada dos trabalhos manuais em que vemos o nosso Presidente da MAG muitas vezes envolvido, relacionados com a funcionalidade e beleza do edifício que habitamos, gostaríamos de saber por que dá tanta importância às condições físicas do edifício.

PRESIDENTE DA MAG —

Parece-me evidente que o binómio virtuoso de uma Casa ou Instituição como a do nosso Lar compreende, por um lado, o requisito das «boas condições físicas» para o exercício da prestação de bons serviços, e, por outro, a «boas qualidades dos serviços prestados», sendo que «a qualidade dos serviços» depende da motivação e formação dos recursos humanos ou Colaboradores e deste fator não nos pronunciamos neste momento.

Questiona-me o nosso VICENTE sobre a relevância e importância que atribuo às boas condições físicas e à funcionalidade que elas permitem. E o bom e belo ambiente físico estende-se desde o ponto mais exterior ao mais interior do edifício ou Estrutura Residencial. Ninguém gosta nem se sente bem se vê lixo à porta de uma casa de habitação ou se no interior encontra suja a casa de banho em que, por acaso, se entre.



Intervenção de modernização das portas do elevador

Comparado com ERPI ideais, como são as localizadas no campo, de um só piso, sem escadas nem elevadores, a nossa padece, em termos de condições físicas, de penosos constrangimentos originais, pois é construída em altura, com muitas escadas e elevador em contínua atividade.

Não possuindo um amplo jardim, dispõe, no entanto, de espaços exteriores ajardinados, dos quais criativa e continuamente nos empenhamos em tirar o máximo e mais útil e agradável

proveito, pensando sempre e acima de tudo nos nossos Utentes. Comparando o que era o nosso jardim, há anos, com duas ou três inapropriadas árvores e descuidado solo, com aquilo em que se transformou e continua a ser transformado, a diferença, para melhor, é evidente. Hoje, temos duas robustas tílias, vários e produtivos limoeiros, cerejeira, ameixeiras, pereiras, macieiras, kivis, laranjeiras, medronheiros e, ultimamente, produtivos canteiros suspensos, onde crescem espantosamente a salsa, a alface, o feijão, plantados e cuidados zelosa e permanentemente por Utentes com elevada literacia agrícola!



Árvores de fruto variadas plantadas no jardim exterior

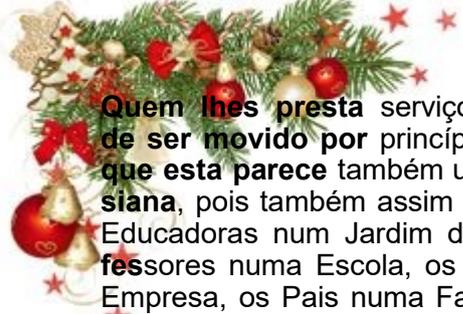
É admirável observar o gosto e o interesse com que esses Utentes cuidam das culturas que promovem, com a retaguarda e a supervisão da Diretora Técnica e do omnipresente senhor António. A criação de aprazíveis esplanadas exteriores é ditada pelo desejo e cuidado em proporcionar aos nossos Utentes diversificados e agradáveis espaços de lazer. Tenho muito gosto em colaborar ativamente na manutenção e valorização destes espaços, visando a reunião de condições para que eles sejam verdadeiros e aprazíveis *loci ameni* para os nossos Utentes, que desses espaços possam beneficiar.

VICENTE – Gosta de recordar que as pessoas, os Utentes, são a razão de ser e o melhor da nossa Instituição. Em que conta e consideração tem essas pessoas, esses Utentes que têm batido à porta da nossa casa e nela têm sido acolhidos e vivido a última etapa da sua vida?

PRESIDENTE DA MAG – Dizer e repetir que os Utentes, os nossos Idosos, são a *ratio essendi*, a razão de ser, da nossa Instituição parece uma verdade de Monsenhor de Lapalisse, um lugar comum e uma evidência que seria banal recordar. Mas recordar o evidente e aparentemente banal é, por vezes, necessário e essencial. Não podemos ignorar nem esquecer que as pessoas são **sagradas** e intocáveis na sua dignidade.

BOAS FESTAS





Quem lhes presta serviços não pode deixar de ser movido por princípios e valores. Claro que esta parece também uma verdade lapalissiana, pois também assim devem proceder as Educadoras num Jardim de Infância, os Professores numa Escola, os Empresários numa Empresa, os Pais numa Família, os Catequistas na Catequese, os Instrutores Militares num Campo de Treino. Comove-me saber que cada pessoa que bate à porta do nosso Lar e nele vive a última etapa da sua vida vem carregada de histórias de vida, e a vida é sagrada. De alguns, temos registado, nas páginas do nosso Boletim, as marcas da sua vida contada. Sabemos e verificamos que contar a vida vivida é, para a maioria dos nossos Idosos, uma feliz oportunidade de libertação da *solidão* e sensação de *abandono*, que são, como adverte o Papa Francisco, as duas maiores provações e causas de sofrimento, que podem ser suavizadas, minoradas e superadas por quem sabe, quer e se dispõe a ouvir os «gritos» sufocados por todos os Idosos afetados por esses flagelos da «solidão» e do «abandono».

Dito isto, não posso deixar de confessar a minha profunda admiração pelas “obras de Humanidade” e “obras de Misericórdia” praticadas pelos Colaboradores do nosso Lar, e certamente em Instituições similares, aos nossos idosos, que me foi dado observar e testemunhar, desde o dia em que entrei nesta casa. Vi Colaboradores e Voluntários, de joelhos, a meter a sopa a alguns dos nossos Utentes mais debilitados; vi Colaboradores e Voluntários a limpar-lhes a boca e a roupa; vi Colaboradores a chorar no funeral dos que nos morreram. E pensei e penso: que injustos são os órgãos de Poder, que injustos são os órgãos de tutela destas Instituições, que injustos são os Familiares, que injustos são alguns órgãos de comunicação social que, generalizando ou dando voz a informadores de má fé, que tratam tão mal estas Instituições, as suas Direções e os seus Colaboradores. Quem presta serviços como os que são prestados nestas Instituições deveria ter ordenados de Ministros, pois fazem o que Ministro algum e poucos familiares são capazes de fazer!

VICENTE – Guarda algumas memórias mais impressionantes de Utentes, do presente ou do passado, com os quais tenha convivido?

PRESIDENTE DA MAG – Para significar a necessidade e o valor de ouvir as histórias de vida dos nossos Idosos, poderia recordar vários casos, certamente muito menos do que os nossos Colaboradores experienciaram, por força e virtude da sua maior e mais longa proximidade e convivência com os nossos Idosos. Recordo, por exemplo, aquele Utente que, depois

de longos anos de trabalho, num talho próprio, no Mercado de Braga, veio a viver os últimos anos da sua vida no nosso Lar. Tendo ficado acamado, encontrei-o, um dia, ao cair da tarde, retido na cama do seu quarto. Logo que o saudei, disse-me: “Senhor Dr., quero morrer!” Manifestei-lhe a minha surpresa por tal desabafo e puxei pela sua história de vida, no referido local de trabalho. Recordando o que foi a sua longa vida no respetivo campo de atividade, ao fim de um quarto de hora, sorria, com uma disposição bem mais positiva do que um quarto de hora antes. Entre tantos outros Utentes que passaram pela vida do nosso Lar, não posso esquecer o sr. Porfírio, de Cuvêlo do Gerês (Montalegre). Como tantas vezes recordou, foi a vinda para o nosso Lar que lhe salvou e prolongou a vida, pois, quando o sobrinho resolveu trazê-lo para Braga, já nem força tinha para falar. Como quase todos os nossos Utentes são pessoas de fé cristã e a maior parte teve uma prática religiosa, também sou testemunha de confidências relativas à vontade e ao desejo de acompanhamento sacramental no momento terminal da sua vida, querendo a Santa Unção e o Sagrado Viático.

VICENTE – Se os Utentes são a razão de ser da Instituição, os Colaboradores (Funcionários) são o seu sustentáculo e ponto de apoio funcional. Como vê e avalia o trabalho dos Colaboradores dos Lares e das Instituições de Solidariedade Social, em geral?

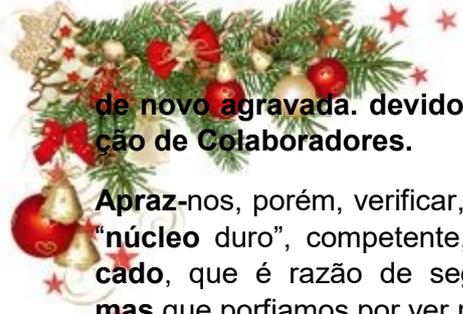
PRESIDENTE DA MAG – É curioso observar a semântica dos nomes dados a quem trabalha ou presta serviços, nos Lares e nas Instituições, em geral. Já se chamaram “criados”, “empregados”, “funcionários” e, atualmente, “colaboradores”. A evolução semântica do nome indicia também a evolução do crescente do reconhecimento da dignidade e do valor do exercício e serviço prestados. “Colaboradores”! É uma palavra bonita. Traduz e é significativa de uma visão e de uma estratégia de ação comunitária, participativa, fazendo jus e privilegiando o princípio do “todo”, superior, não apenas à “parte”, mas à “soma das partes”, como se dizia na edição anterior do nosso Boletim.

Como disse, como tendo dito e como reitero, tenho um respeito e uma admiração quase “sagrada” pelos serviços prestados aos Idosos pelos Colaboradores da Instituição.

Mas também verifico, com preocupação partilhada, que a variável dos Recursos Humanos é um quebra-cabeças e uma questão crucial com que a Direção se vê continuamente a braços com acuidade variável, mas atual-

BOAS FESTAS





de novo agravada. devido á dificuldade da fixação de Colaboradores.

Apraz-nos, porém, verificar, que dispomos de um “núcleo duro”, competente, responsável e dedicado, que é razão de segurança e confiança, mas que porfiamos por ver reforçado.

É evidente que não pode ser Colaborador de um Lar, como de outras Instituições vocacionadas

para cuidar dos mais frágeis, quem quer, mas sim quem seja portador de um grau superior de motivação, de formação e de dedicação à causa do cuidado dos mais frágeis da nossa sociedade humana.

A Direção conta também com a boa vontade desse “núcleo duro” para colaborar na cativação, na motivação, na formação e na fidelização dos novos candidatos a Colaboradores, que continuamente vão chegando à Instituição

PARA A DANIELA COM GRATIDÃO

A Daniela chegou,
um dia ao nosso lar,
serviu bem e encantou,
que pena! vai-nos deixar!

A vida é mesmo assim,
é chegar, logo partir,
do princípio até ao fim,
é ser, amar e servir.

Como estrela brilhante
a Daniela passou...
um rasto irradiante
na nossa vida deixou.

Daniela, obrigado.
partes e ficas também.
teu nome fica gravado
em quem te quer muito bem.



Embora o ideal, para os nossos Utentes e para a Direção, seja a estabilidade virtuosa, a acumulação da experiência e a excelência da dedicação dos Colaboradores, é natural e compreensível que, por razões várias, nem todos possam fazer da prestação de serviço na Instituição o trabalho de toda a sua vida ativa. Foi o que aconteceu, com pena dela e nossa, com a Dr^a Daniela Fernandes, cuja prestação de serviço e dedicação foram dignas de menção honrosa da Presidente da Direção, Dr^a Maria José Gomes, que assim declarou, no dia 15 de junho de 2023, o último dia de serviço da colaboradora:

“Hoje, foi o último dia de trabalho, na AASVP, da Técnica de Serviço Social, Dr^a Daniela Fernandes, que colaborou de forma excelente e dedicada connosco e com os nossos residentes, durante quatro anos!

Despedimo-nos da Daniela com muitas saudades e gratidão, deixando-a seguir o desafio de uma carreira diferente e mais atraente.

ESTÓRIAS DE VIDA COM...

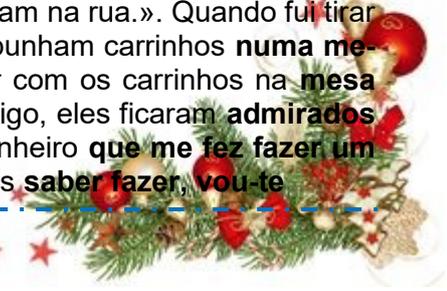
D. Maria Celeste Rodrigues do Vale

Uma História de resiliência e amor à condução...

Fui para Moçambique em 1973 com os meus três filhos, acompanhar o meu marido que foi convidado a trabalhar lá. A Escola de Condução ficava apenas a alguns metros de distância da minha casa. Resolvi tirar a carta, porque queria comprar um carro e conduzir. Enquanto os meus filhos estavam na escola, eu deixava a comida ao lume e ia assistir às aulas. Eu ia à escola todos os dias, e treinava os exercícios quando os engenheiros não estavam lá. Costumava ajudar os tropas que também andavam lá a tirar a carta, explicava-lhes as coisas e eles até diziam «Eu só queria saber uma parte do que você sabe, você anda aí com os carrinhos como andam na rua.». Quando fui tirar o código, o exame era realizado numa sala, dentro de um pavilhão grande, punham carrinhos numa mesa, tinha cruzamentos, entroncamentos, essas coisas todas, tinha de andar com os carrinhos na mesa como se andasse a conduzir. Não errei um único exercício do exame de código, eles ficaram admirados e dizem eles «Porra! A mulher sabe mais do que nós!». Até houve um Engenheiro que me fez fazer um exercício que nunca tínhamos feito na vida e deve ter pensado «Esse não vais saber fazer, vou-te



BOAS FESTAS



«HORTA DA FELICIDADE»

No dia 14 de junho, integrada no programa da celebração do 34º aniversário da Associação do Lar de São Vicente de Paulo, foi inaugurado um renovado e novo espaço de convívio e lazer da nossa Casa, com a forma dinâmica, operativa e produtiva de um quintal suspenso, que faz do muro de suporte um dos mais emblemáticos que se podia imaginar. Neste crescem espantosamente salsa, morangos, alfaces, feijões, curgetes, pepinos.



Foi batizado pelas suas mentoras, Drª Mariana Silva e Drª Daniela Fernandes, com o sugestivo e apelativo nome de «Horta da Felicidade».

No discurso de inauguração, em que estiveram presentes, os Utentes, muitos Associados, alguns Familiares e representantes da CMB e UJF, foi enfatizado o significado humanizante e refrescante que esse espaço queria representar para os nossos utentes, incentivando-os a sair do interior da casa e contactar com a natureza. Foi recordado, a propósito, o pensamento do poeta-teólogo Tolentino Mendonça, que diz: «viver distanciado da natureza implica viver distanciado de si», sendo que é o mesmo poeta que observa que «hoje vemos uma geração de gente nova a voltar ao campo, a tentar descobrir um outro estilo de vida e uma economia diferente».

Foi feito justo reconhecimento e agradecimento aos generosos benfeitores, que colaboraram na realização desta iniciativa: o Senhor Presidente da União de Juntas das Freguesias de Maximinos, Sé e Cidade, a Associada, D. Maria da Conceição Lopes Fernandes com a oferta de bancos e de guarda-sóis, os familiares de utentes, nomeadamente a Drª Flora Gomes, que ofereceu plantas várias para a horta. A nível interno, foi reconhecido e louvado o trabalho das duas referidas Técnicas e também o trabalho do nosso Encarregado, Senhor António Fernandes, bem como o das utentes, D. Maria Pereira e D. Alice Figueiredo.

Como nota erudita, foi evocada a obra do poeta-escritor açoriano, António Feliciano de Castilho, com o estimulante e programático título de «**Felicidade pela Agricultura**», publicada em 1949, que é uma apologia grandiosa das virtudes da Agricultura.

lixar!», eu comecei a apontar o dedo, «é aquele, é aquele e é aquele», e eles, quando viram que eu estava quase com o exercício quase resolvido, ficaram a olhar para mim, só agarraram nos carrinhos, juntaram-nos, levaram-nos todos e disseram «Pronto, vá-se embora.» Eu só perguntei, «Mas eu passei?», ao qual eles responderam «Ainda pergunta...». Acho que eles me fizeram aquele exercício como quem diz «Tu já sabes demais...». No dia seguinte, fui logo para a condução, nunca tinha pegado num carro na vida, ensinaram-me a meter as mudanças e eu fixei logo, a condução lá era pela esquerda, ele, quando me viu a conduzir só disse «Sim senhora, até amanhã.» Tirei a carta depressa. Resolvi tirar carta de pesados a seguir. O código da carta de pesados era igual ao da de ligeiros. Quando passei para a condução, andava em estradas em que os camiões costumavam andar. Para mim conduzir um camião foi fácil. Durante o exame de condução, o engenheiro viu que eu estava a fazer tudo bem novamente e foi um bocado tralfulha. Num cruzamento, mandou-me virar à esquerda, reparei que vinha um carro de cima ao longe, e que ainda tinha tempo para virar, mas senti o camião a travar e, quando o camião parou, eu olhei logo para as pernas dele e percebi que ele estava com o pé no travão, ele devia pensar que eu era alguma “murrona”... Tão depressa eu lhe olho para os pés, tão depressa ele tira o pé do travão, eu volto a olhar para a frente e, palavra de honra, acelero e consigo virar antes do carro que vinha de cima. Ele ficou fulo. Depois vim a saber que não era costume mandar os alunos passar por aquele cruzamento. Eu acho que ele me tentou chumbar. Era o mesmo Engenheiro que me já me tinha tentado tramar no exame de código de ligeiros. Porquê, não sei... Eu gostava mesmo de conduzir, quando regresssei a Portugal, comprei logo um carro passei, com o meu marido ao lado, por quase o País todo.

BOAS FESTAS

O QUE ANDÁMOS A FAZER CÁ POR CASA ... apenas alguns exemplos

34o. Aniversário da AASVP



Dia 14 de junho, festejámos o nosso aniversário!

Foi um dia de sol, de festa e de muita alegria!

Depois da Missa solenizada e cantada e de cantarmos os parabéns às aniversariantes presentes, vimos na TV a apresentação do nosso Jornal "O Vicente" no.18, inauguramos a nossa Horta da Felicidade e ao lanche saboreamos o lindo Bolo de Aniversário.

Bem hajam todos os Associados, da Direção, da MAG e do CF, todos os amigos, familiares, Rev. Padre Domingos, Organista Ângelo, representante da UJFreguesias, Dra. Alexandra Lima e representante da Câmara Municipal de Braga, Dr. João Medeiros, por nos honrarem com a sua presença.

E também um muito obrigados aos Associados que nos ofereceram os bancos e os guarda-sóis da nossa Horta. E à nossa DT, TSS e DSA Dras. Mariana, Daniela e Cristiana que prepararam este lindo dia de festa e o Vicente.

E ainda... À Dr^a. Ana Maria Braga da Costa, pelo belo arranjo do Altar e à Dr^a. Flora Gomes por tantos docinhos que adoçaram o nosso lanche e o dos colaboradores neste dia festivo!

E finalmente... a Direção agradeceu, de forma muito especial, à querida amiga e grande Associada, Senhora D. Maria da Conceição Fernandes, as lembranças feitas com tanto carinho e imaginação para a Direção.



DIA DOS AVÓS

A 15a. Hora do Conto, dinamizada semanalmente pelas Voluntárias e Voluntários do Núcleo DC Rota Solidária, do Rotary Clube Braga Norte, foi especial porque foi uma festa a dobrar: era o DIA DOS AVÓS e tivemos as visitas dos nossos filhos, netos e bisnetos que vieram também ouvir histórias e músicas e festejar connosco! Foi um dia muito lindo!



TEATRO NA AASVP

No âmbito do Projeto, "Lar doce Lar" estabelecido entre a Câmara Municipal de Braga e a AASVP, a Academia de Teatro Tin.Bra apresentou, ontem, no nosso Lar o espetáculo "Meu Velho Amor".

"Meu Velho Amor" é um convite à redescoberta de uma paisagem escondida no tempo e à celebração

da memória. Evocar o passado não é só um ato contemplativo, é também reivindicativo do seu valor presente. A memória é sempre imprecisa, é quase sempre só uma impressão, uma versão da história, e a verdade da história nunca se acaba

de contar. Mas a verdadeira memória é sempre fiel à velha essência da verdade. É preciso ter memória para ser sábio. "Meu Velho Amor" foi um espectáculo sobre a sabedoria do coração que recorda, a história de uma vida inteira passada em um acto: um acto de amor.

Aniversários

O Vicente deseja um feliz aniversário, com saúde, paz e alegria a todos os Associados, colaboradores e residentes do Lar de S. Vicente de Paulo que já tenham feito anos ou que festejem o seu aniversário nos próximos meses.

Os nossos sinceros parabéns em especial aos Associados e aos membros dos Órgãos Sociais que festejam o seu aniversário neste segundo semestre: **Doutor Manuel da Encarnação Reis e Dr. Jorge Alves em 23/11, Sr. Miguel Leite, em 26/11, Senhora D. Maria da Conceição Lima Fernandes, no dia 27/11 e Rev. Padre Domingos Paulo Silva, no dia 3/12.**

Recordamos também, o aniversário natalício do nosso Fundador, **Senhor Domingos Guimarães de Sá, que celebraria o seu aniversário no dia 03/12.**

BOAS FESTAS